

Entre Desejo Desconhecido e Conhecimento do (pelo) Amor: O psicanalista como Sujeito (interlocutor) e Objecto (mediador)

Carlos Farate

A palavra desejo, do latim *desidium* “ânsia” e com a acepção da tomada de consciência da tendência para possuir um objecto conhecido ou imaginado, nomeia a ideia filosófica da satisfação subjetiva de uma necessidade carnal ou espiritual essencial. Uma tal ideia, de *inscriptio* platoniano, instaura a paradoxalidade de um movimento em que o desejo, ao tender para a busca do prazer que o satisfaz, deseja o seu próprio fim (Lamouche, 1999).

Ora, este movimento filosófico encontra derivação psíquica pertinente no conceito freudiano da pulsão, já que este representante psíquico do instinto sexual originado no soma tende para a descarga energética que, ao promover a satisfação do desejo sensual, extingue a excitação originária. Esta mecânica helmholtziana formulada por Freud ao tempo da 1.^a tópica do aparelho psíquico evolui, ao longo do tempo, para a colocação metapsicológica instituidora da tópica estrutural (Freud, 1969 [1910]). A noção dinâmica do conflito egóico entre a pressão para a satisfação da libido, mobilizada pelo *Id*, e a repressão do desejo libidinal protagonizada pelo *Superego* permite, então, o aprofundamento da distinção entre representação de coisa e representação de palavra e estia o primado dos processos secundários, mediados pela palavra, na perlaboração do sintoma psiconeurótico (derivado pré-consciente dos elementos do processo primário) (Freud, 1984 [1923]).

É, sobretudo, a partir do primado da representação de (pela) palavra que o contributo epistemológico de Lacan para o aprofundamento da metapsicologia é mais fecundo. A importância atribuída à compreensão psíquica do desejo na sua obra é particularmente coerente com o seu intenso labor teórico sobre os conceitos fundamentais da psicanálise, e constitui o “*fil rouge*” que articula a fundação narcísica do sujeito desejante com o corte simbólico que, ao instituir a cadeia de significantes, permite a mediação possível do Eu e do Eu Ideal sustentado, este último, pela imagem especular idealizada devolvida pelo Outro indiscernível (o objeto A). Esta operação psíquica é mediada pelo Ideal do Eu, *locus* de uma ordem simbólica, a ordem da linguagem, que sustenta o narcisismo

e, como refere Nasio (1988), organiza a mediação significativa da relação identificatória do Eu ao outro semelhante

Contudo, esta tensão dialéctica do *imaginário*, em que o desejo do Outro é harmonizável com o narcisismo do sujeito desejante, e do *simbólico*, em que o significativo inscreve o desejo do outro na identidade nascente do sujeito de palavra, é interferida pelo *real* da “falta”, ou da “fenda subjetiva”, instituída pela natureza pregenital e fálica do objeto de desejo primitivo (que Lacan nomeia a, enquanto designa a sua função de “falo imaginário” que representa graficamente por um φ) que é fonte de angústia narcísica e da tentação perversa da relação alienante ao (do) outro (Lacan, 1975 [1953-1954]).

A psicanálise atua, então, pela resolução psíquica do fantasma fálico (como fantasma do desejo primitivo e metonímia autoerótica e regressiva do pénis-“*fétiche*”, que preenche a “falta” pela alienação delirante do sujeito desejante) através da sua transformação em falo simbólico, acessível à castração significativa que permite a nomeação do ser como sujeito de palavra na relação amorosa, de conhecimento, com o outro (1964)

Esta colocação intersubjetiva da relação entre analista e analisando, via transferência desejante do analisando que procura no analista o Outro do desejo (A) e o interroga como instância de palavra, ainda indecifrável, é ainda formulada por Lacan como a “situação paradoxal” da psicanálise. Refere, assim e a este propósito que, “Com efeito, o desejo do Outro que é para nós o desejo do sujeito, não o devemos guiar para o nosso desejo, mas para um outro. Nós amadurecemos o desejo do sujeito para um outro que não nós” (2013 [1959], p. 572)

Mesmo se Wilfred Bion se situa em outra “nebulosa” psicanalítica em relação a Lacan (que, em aparência, nunca terá lido, ou, pelo menos, referido na sua obra) não deixa de ser interessante a leitura dialógica crítica de alguns dos conceitos que desenvolveu e dos conceitos que acabei de sucintamente rever em Lacan. Com efeito, enquanto Lacan se interessa pelo papel estruturante da semântica da linguagem no inconsciente dinâmico, Bion propõe uma teoria do pensamento inconsciente que reenvia à díade originária como “continente” de uma semiótica protomental que evolui para os pensamentos do sonho através da transformação dos ideogramas originários da mente infantil em “aparelho para

pensar os pensamentos” (Bion, 1979 [1963]). Este processo depende da ativação psíquica de uma função que designa de α e que está apta a converter elementos sensório-motores e emocionais formalmente impensáveis (elementos β do sistema protomental estruturalmente inomináveis, em analogia compreensiva com a semântica lacaniana) em elementos α (oriundos do processo secundário em Freud, e, mais uma vez, em analogia compreensiva com a epistemologia lacaniana, acessíveis à cadeia de significantes do sujeito de palavra). De um ponto de vista operativo, e na perspectiva genética, a preconcepção de uma ideia (por exemplo, a ideia de seio materno alimentador) ao beneficiar de realização (o ato de amamentação neste caso) dá lugar a uma concepção (a ideia do “bom seio”) que evoluirá, então, para o conceito (de bom objeto materno) e para os processos de sublimação (na formulação de Bion, o pensamento lógico dedutivo) (1962). Finalmente é o ataque ao pensamento sobre a experiência emocional, agido pelo lado protomental (psicótico) da mente, que põe em causa este processo e pode instaurar a doença mental.

Ora, também em Bion (1970), como em Lacan, de um modo diferente é certo, embora convergente, é realçada a importância do desejo na busca da verdade última do sujeito. Só que, na heurística bioniana, é o desejo primitivo (formulado como memória do passado, “saturada” e insusceptível de conhecer O, realidade originária e última do sujeito, desconhecida e incognoscível, tal como o grande Outro, o objeto A, em Lacan) que ao sobrepor-se à função α , que opera na sessão psicanalítica como vínculo K (conhecimento), pode impedir o que Bion designa de “evolução para O” ($O \rightarrow K$).

Retenha-se que tanto memória “saturada” do passado como desejo “insaturado” de futuro assentam em propriedades comuns (a fazer lembrar os elementos do esquema sincrónico do desejo em Lacan), a saber, são formulados à partida, derivam da experiência dos sentidos e são evocações de sentimentos de prazer e dor. De resto, Bion enuncia a correspondência entre desejo como elemento “insaturado” e abertura do sujeito ao conhecimento da evolução de (para) O (a fazer lembrar a decomposição significativa que se abre ao enigma do desejo do grande Outro na relação do sujeito à palavra).

Finalmente Bion faz intervir a capacidade do psicanalista esquecer, e de recusar o desejo e a compreensão “*a priori*”, entrando naquilo que designa como

“*At-one-ment* ou unidade com 0” (1970, p. 53) a fim de favorecer a transformação $O \rightarrow K$ na relação intersubjetiva com o analisando, o que, mais uma vez, se aproxima da recomendação de Lacan sobre “(este) vazio ao qual o nosso desejo deve limitar-se, este lugar que deixamos ao desejo para que ele aí se situe, numa palavra, o corte” (2013 [1959], p. 572)

A importância de respeitar uma tal posição é bem ilustrada pela análise de Inês, jovem mulher pelos 30 anos de idade que procurou tratamento para o sentimento de culpa depressivo mobilizado pelo conflito de desejo sexual e amoroso inscrito em uma relação extraconjugal com um homem mais velho, pelos 50 anos, também casado como ela. Conheceram-se há longo tempo, Inês confessa que sempre admirou a inteligência e criatividade de Ricardo, apesar de ser crítica dos seus devaneios sexuais com outras mulheres fora de um casamento que sempre apresentou como frustrante, apesar de se manter em “moldura” familiar convencional, contraditória com a sua irreverência criativa (e o diletantismo das conquistas feminis de circunstância) e em aparente ausência de uma intimidade de casal minimamente satisfatória. Inês, pelo seu lado, sustenta um casamento de qualidade indiferente, que produziu descendência aceitável, três filhos, um dos quais varão, mas que se foi esvaziando progressivamente de desejo sexual e, o que é mais, de *élan* amoroso. O envolvimento tórrido com Ricardo é recente, tem pouco mais de um ano, mas é de tal maneira orgástico e tão intensamente enamorado que coloca “A nós (interroga-se com frequência)?” a vontade de arriscar a respectiva rotura conjugal e a formação de família subsidiária da (desejada) relação de casal. Só que as interrogações e ânsias agitam-lhe o dia-a-dia em um torvelinho sentimental, não raro incoercível. Que não afeta o sucesso profissional e empresarial, já que é especialista de referência na sua área de atividade. Como (importantes) notas complementares, foi a instâncias do seu bem-amado amante que procurou tratamento psicanalítico comigo por recomendação do companheiro de uma sua colaboradora, médica psiquiatra que fez formação comigo no passado, e, *last but not least*, Inês e Ricardo socializam em círculos comuns, o que inclui encontros frequentes entre as suas famílias (aliás, Ricardo é bastante apreciado pelos filhos de Inês, em particular o filho mais velho, pré-adolescente que parece constituir Ricardo como seu Ideal do Eu). Em sessão recente Inês refere o último encontro com Ricardo na semana anterior, sempre durante o dia e em “abrigo” de amor secreto que arrendam na cidade em que vivem. Começa por me dizer que “Foi intenso e tão bom, antes do Ricardo é como se nunca tivesse amado mais ninguém, surpreendo-me sempre como é possível não pararmos de fazer amor todo o tempo em que estamos juntos”. De seguida, em tom de voz mais triste, “Mas continuo sem saber se me ama, e esta dúvida arrasa-me a alma...depois não posso esquecer-me das amigas conspícuas do passado dele que, ainda por cima, me confidenciavam às vezes os encontros com ele”. Agora indignada, “Então não é que se lembra sempre dos aniversários delas e lhes dá os parabéns. Diz-me que é o carácter dele, gosta de manter as amizades, mas que não quer nada com nenhuma delas, porque é a mim que deseja e é comigo que quer fazer amor, mas será que me ama de verdade?”. Sinto a sua interrogação ecoar em mim, detecto-lhe a dúvida e, por momentos, sinto eu mesmo o desejo (também amoroso,

reconheço-o) de que o amor deste homem por ela seja genuíno. Esse pensamento não me incomoda, e mantenho-me à escuta do seu inconsciente, “Lá em casa, a relação com o Afonso (o marido) é cada vez mais “mole”, olhe até acho que se dissesse que me ia separar era capaz de ser um alívio para ambos...que falta de prazer, que “seca”, não temos relações sexuais há mais de 6 meses, ainda bem que é assim...até que é a melhor maneira de ele não dar por nada”. Fica em silêncio um momento e acrescenta, com tom de surpresa na voz, “Então não é que a Joana (a mulher de Ricardo) agora não aceita nenhum convite meu para irem jantar lá a casa, ou conviverem connosco, isto tem alguma lógica?”. Indago de pronto, “Será por ter ciúmes de si?”. Responde também de imediato, “Porquê? É improvável que saiba do que se passa entre nós, aliás nunca desconfiou de nada antes”. Faz um curto silêncio e “dispara” com voz indignada, “Também fico revoltada pela maneira como o trata, não lhe liga nenhuma, não tem cuidado nenhum com ele”. Muda de assunto para referir como se sentiu mal “Uma indisposição digestiva, com sensação de náusea e enfiamento” depois de ter jantado ontem em casa dos pais, pelo aniversário da mãe. Ainda se sente algo indisposta. Fala um pouco dos pais, e recordo-me da relação dúplice do pai com a mãe (N: o pai levava uma vida dupla, gastando o dinheiro com outras mulheres, enquanto fingia situação económica modesta em casa, o que obrigava a mulher, sempre enamorada dele e crédula na sua conduta irrepreensível, a poupar nas despesas da casa para equilibrar o rendimento familiar) e comento, “A indisposição pela identificação à mãe recalcada como mulher e enganada pelo pai”, ao que responde associativamente, “A mãe e o Ricardo são a causa da minha indisposição”. Corrijo, em tom indagatório, “Não será, antes, a associação da mãe à Joana (a mulher de Ricardo) a causa da sua indisposição?”. Começa, então, a falar da vida de família e do modo como nunca compreendeu a atitude do pai, apesar de, tal como a mãe, o ter perdoado quando, já reformado, revelou a verdade, “Era tão boa aluna, tão exemplar como filha, embora sempre me tenha achado feia e desinteressante...também era verdade que não me sentia valorizada pelo meu pai, e a minha mãe parecia-me sempre triste por não ter dinheiro para comprar-me roupa que me fizesse sentir mais bonita”. Recorda, de seguida, a frustração de um casamento em que nunca despertou sexualmente, “Também é verdade que nunca estive enamorada do Afonso” e, depois de um compasso de espera, acrescenta, “Agora que estou tão enamorada do Ricardo tenho medo de viver com ele, parece estranho...”. Deixo passar um pequeno momento reflexivo e interpreto, “É como se a Inês receasse que lhe acontecesse a si o mesmo que à mãe interna, recalcada e traída no desejo amoroso do pai, se arriscar assumir o desejo amoroso pelo Ricardo, que sobrepõe inconscientemente ao pai interno, traidor e mulherengo, que nunca a fez sentir amada. Por outro lado, a parte de si identificada com a mãe desamada receia passar pela mesma situação com o Ricardo”. Fica em silêncio reflexivo, suspira e remata “É...o Doutor tem razão, deve ser isso, mas é tão difícil de lidar com esta dúvida...no fundo, acho que sabe bem como me sinto e o que isso representa para mim”. Concordo com um “Hummm” empático e mantemos o silêncio até ao final da sessão.

Comentário final

Esta sessão com Inês parece ilustrar o lugar ocupado por mim, como psicanalista, tanto na economia do seu desejo amoroso, como na confirmação possível do seu narcisismo feminino. Mais precisamente sinto que tomo transferencialmente o lugar de um Ideal do Eu compreensivo e de palavra verdadeira e consistente, capaz de a ajudar a aproximar-se da dimensão narcísica originária, velada pela identificação a um objeto materno desinvestido pelo imago paterno idealizado, também ele decepcionante e sem palavra. A este propósito, é tentador realçar o efeito narcísico pejorativo da falência do “Nome do Pai” na fantasia da impossibilidade de reconhecimento amoroso pelo Outro idealizado, atualizado pela suspeita do carácter elusivo, também sem palavra verdadeira, de Ricardo, o objecto de desejo sexual em que interroga angustiadamente o medo de não ser amada, à imagem do imago materno deprimido. Já na perspectiva de Bion, poderia realçar a minha disposição como analista empático e “*at-one-ment*” em O com Inês que promove a ação transformadora do vínculo de conhecimento ($O \rightarrow K$) na procura “insaturada” pela verdade amorosa do seu desejo de mulher.

Finalmente é curioso realçar o modo de transmissão do conhecimento privilegiado por cada um dos pensadores da psicanálise que ousei colocar em diálogo neste ensaio teórico-clínico, pela forma como nos poderá esclarecer quer sobre as suas especificidades culturais, quer sobre o *vértex* do seu pensamento psicanalítico.

Assim, Freud privilegiou a exposição escrita sistemática e extensiva do seu ensino *princeps* da teoria psicanalítica, inscrita, é certo, na tradição analítica da cultura universitária germânica, mas coerente com o hábito psíquico e intelectual experimental e positivista que marca o seu modelo sensualista. Pelo seu lado, Lacan escolheu a transmissão oral e magistral dos seus ensinamentos, numa aparente revisitação, em estilo socrático, da academia ateniense, mas também atinente com a dialéctica do desejo de saber e do amor pelo conhecimento que cultivou entre os seus pares-discípulos. Finalmente Bion cultivou o ensino clínico em Seminário da sua inovadora teoria do pensamento, em um estilo que se inscreve, é certo, na tradição clínico-universitária anglo-

saxónica, mas também, e sobretudo, em um impulso de transformação metapoética, mais que metapsicológica, da prática clínica da psicanálise.

Bibliografia

- Bion, W. R. (1970) *Attention and Interpretation*, 2007, London, Karnac
- Bion, W. R. (1962) A theory of thinking, *International Journal of Psychoanalysis*, 43: 306–310
- Bion, W. R. (1963) *Elements of Psycho -Analysis*, Cf. tradução francesa, *Elements de la Psychanalyse*, 1979. Paris: PUF.
- Freud, S (1923) The Ego and the Id On *Metapsychology: The Theory of Psychoanalysis*. Vol. II, 1984. London: Penguin
- Freud, S (1910) As Perspetivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica. *Sigmund Freud. Obras Completas*, 1969. Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. XI: 143 - 156
- Lacan, J (1953-1954) *Les Écrits Techniques de Freud*, 1975, Paris, Ed. du Seuil
- Lacan, J (1958-1959) *Le Désir et son Interprétation*, 2013, Paris, Ed. de la Martinière
- Lacan, J (1964) *Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*, 1973, Paris, Ed. du Seuil
- Lamouche, F (1999) *Le désir – notions philosophiques*, Paris, Hatier
- Nasio, J-D (1992) *Enseignement de 7 concepts cruciaux de la psychanalyse*, Paris, Payot

Resumo

Se a sessão analítica é o encontro intersubjetivo de duas *psychae* mediado pela linguagem e estiado pela pulsão desejante do Um (sujeito de palavra em devir) que procura o Outro enigmático de um Amor inefável, concordaremos, com Jacques Lacan, que a Psicanálise está para além do *épos* e do *éthos* na indagação exigente sobre a Verdade do Ser (significante do Sujeito).

Interessa, então, compreender como as subjetividades de analista e analisando se entretecem em cadeia significante na qual (pela qual) o impulso sexual é separado da fonte, do objeto e da tendência originária, num processo de transferência desalienante do desejo primitivo operada pela sublimação que conduz ao reconhecimento amoroso do objeto (e pelo objeto) através do corte simbólico que institui a relação de palavra sujeito-outro.

Por outro lado, torna-se curioso ensaiar, por derivação epistemológica ponderada, uma aproximação crítica entre os conceitos de O (Coisa em Si, última realidade, realidade originária), de “ato de fé” (vínculo F) em *at-one-ment* entre analista e analisando e de transformação em O operada pelo conhecimento (vínculo K) que Wilfred Bion propõe para a compreensão da experiência emocional e os conceitos lacanianos de Outro (A) e de causa do desejo “real”, indecifrável (φ e objeto a), de cadeia significante assente na “fé na palavra”, e de operação do corte simbólico no acesso ao sujeito de palavra (Sr) apto à sublimação do desejo em amor objetual.

Finalmente o desejo quer se inscreva na “falta” platoniana, quer seja tomada como essência do ser (o “ser do desejo”) em Spinoza (para este último filósofo um desejo de ser, um esforço – *conatus* - de existir e não de possuir, como em Platão) é muito justamente realçado por Lacan como um conceito crucial da psicanálise. E isto é verdade desde o “prelúdio” freudiano à “fuga” bioniana, passando pelo “interlúdio” kleiniano extensivo, no essencial, à teoria da relação de objeto de tradição anglo-saxónica.

Palavras-chave: Desejo do Outro, relação intersubjetiva, mediação simbólica, amor objetual

Entre Deseo Desconocido y Conocimiento del (por el) Amor:
El psicoanalista como Sujeto (interlocutor) y Objeto (mediador)

Resumen

Si la sesión analítica es el encuentro subjetivo de dos *psychae* mediado por el lenguaje y fundado en la pulsión deseante del Uno (sujeto de palabra en devenir) que procura al Otro enigmático de un Amor inefable podremos concordar con Jacques Lacan cuando afirma que el psicoanálisis está más allá del *épos* y del *éthos* en la indagación exigente sobre la Verdad del Ser (significante del sujeto)

Interesará entonces comprender como las subjetividades de analista y analizando se entretajan en cadena significante en la cual (por la cual) el impulso sexual es separado de su fuente, de su objeto y de su tendencia originaria por un proceso de transferencia desalienante del deseo primitivo operada por la sublimación conducente al reconocimiento amoroso del objeto (y por el objeto) a través del corte simbólico que instituye la relación de palabra sujeto-otro

Por otro lado, volviere curioso ensayar, por derivación epistemológica reflexiva, la aproximación crítica entre los conceptos de O (Cosa en sí, realidad última, realidad originaria), de “acto de fe” (vínculo F) en “*at-one-ment*” y de transformación en O operada por el conocimiento (vínculo K) que Wilfred Bion propone para la comprensión de la experiencia emocional y los conceptos lacanianos de Otro (A) y de Causa del Deseo “real”, indescifrable (φ , objeto a), de cadena significante asiente en la “fe en la palabra” y de operación de corte simbólico de acceso al sujeto de palabra apto a la sublimación del deseo en amor objetual

Finalmente el deseo sea que se inscriba en la “falta” platónica, sea que se considere como esencia del ser (el “ser del deseo”) en Spinoza (para este último filósofo un deseo de ser, un esfuerzo – *conatus* – por existir, y no de poseer como en Plato) es muy justamente realzado por Lacan como un concepto crucial del psicoanálisis. Y esto, desde el “preludio” freudiano a la “fuga” bioniana, pasando por el “interludio” kleiniano esencialmente extensivo a la teoría de la relación de objeto de raíz anglosajón

Palabras-clave: Deseo del Otro, relación intersubjetiva, mediación simbólica, amor objetual

Between unknown Desire and knowledge of (through) Love
The analyst as Subject (interlocutor) and Object (mediator)

Abstract

If the analytic session is the intersubjective encounter of two *psychae* mediated by language and founded in the desiring drive of the One (word subject in development) in search of the enigmatic Other of ineffable Love, we can convene with Jacques Lacan that psychoanalysis is well beyond *épos* and *éthos* in the demanding query on the Truth of the Being (significant of the Subject)

It becomes though important trying to understand how the subjectivities of analyst and analysand intermingle in a chain of significant in which (by which) the sexual drive becomes separated both from its source, object and original penchant through a process of desalinating transference of the primal wish activated by sublimation and leading to the loving recognition of (and by) the object via the symbolic cut that institutes the word relationship between subject and object.

A critical approximation will be essayed between the concepts of O (thing in itself, ultimate reality, original reality), of “act-of-faith” (F) in at-one-ment between analyst and transformation in O through knowledge (K) that Wilfred Bion proposed for the understanding of emotional experience and the Lacanian concepts of Other (A) and the cause of the indecipherable “real” which (φ and object a), of chain of significant grounded in the “faith in the word”, and of the operation of symbolic cut allowing for the word subject (Sr) to emerge and sublimate desire in object love.

Finally desire, either inscribed in the Platonian “fault” or taken as the essence of Being (the “Being of desire”) in Spinoza (for this philosophe a desire of being, an effort – *conatus* – to exist and not to possess, like in Plato) is legitimately emphasized by Lacan as a crucial concept in psychoanalysis. And this is true from the Freudian “prelude” to the Bionian “fugue”, the Kleinian “interlude”, extensive to the object relation theory of Anglo-Saxon tradition, in between.

Key-words: Other’s desire, intersubjective relation, symbolic mediation, object love